

Novena de Natal

Ilustrações

Rui Aleixo

Design e paginação

Henrique Almeida

Impressão e acabamentos

Sersilito - Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

???

ISBN

978-972-39-0840-4

Novembro, 2017

Com todas as licenças necessárias

O QUE É? QUAL A SUA HISTÓRIA? QUAL O SEU VALOR, HOJE?

Chama-se “novena” à prática de rezar durante nove dias consecutivos por uma intenção ou para obter uma “graça”.

QUANTO ÀS ORIGENS DA NOVENA

Não existia na tradição judaica este modelo de nove dias de celebração religiosa (fosse para comemorar uma festa, fosse para chorar uma perda). Esta prática seria no entanto comum entre gregos e romanos que, ao nono dia de luto, organizavam uma celebração evocativa em família. Os testemunhos que temos dos santos e teólogos dos primeiros séculos de Cristianismo deixam-nos perceber o trabalho de discernimento e de apropriação de ritos e símbolos feito pelas comunidades. Com tempo, a celebração pelos defuntos ao terceiro, sétimo e nono dias impôs-se. Reis e príncipes, mas também bispos e cardeais, deixavam em testamento o pedido de que se celebrasse missa nos nove dias consecutivos após a sua morte. Finalmente, esta prática ficou reservada ao Papa, na chamada “Novena Papal”, já no século XVIII, com Bento XIV.

Para além desta forma de novena pelos defuntos, existem também novenas de preparação para uma festa litúrgica, como seja a Novena de Natal. Com origem provável em França, Espanha e Portugal, estes nove dias de oração fariam eco dos nove meses de gestação de Jesus no ventre de Maria. Surgem assim as antífonas do “ó” (o “ó” da exclamação face ao Mistério; o “ó” da alusão às formas da gravidez) seguidas da oração do *Magnificat* integradas na celebração da missa nos dias que antecediam o Natal. Na ilha da Madeira, assim como nas longínquas Filipinas, esta tradição permaneceu até hoje nas chamadas “missas do parto”, celebradas ao alvorecer de cada dia da novena.

Outra forma muito antiga de novena, a novena de intercessão, aparece documentada desde o ano 1000, sobretudo nas igrejas do norte da Europa. As pessoas acorriam às igrejas onde estavam sepultados certos santos (como santo Huberto) para pedirem a sua intercessão num momento de doença ou sofrimento.

Uma quarta forma de novena consiste na “novena para obter indulgência”, isto é, numa novena como meio para obter o perdão. O Papa Alexandre VII autorizou esta forma de novena por altura da

comemoração da festa de S. Francisco Xavier, celebrada pela primeira vez em Lisboa (no século XVI).

QUANTO AO SEU VALOR

As novenas são uma expressão da chamada “religiosidade popular”. Ouve-se, de tempos a tempos, o eco de uma crítica típica do século XIX feita contra este tipo de expressão popular. «É superstição!», «É superficial!», «As pessoas nem sabem o que estão a fazer!». Segundo esta crítica, a religiosidade popular é pobre e mesmo perigosa, porque no fundo convida as pessoas a repetirem rituais como quem espera que algo aconteça magicamente, e fá-lo usando figuras e temas cristãos de uma maneira superficial, para não dizer ignorante. De acordo com esta perspetiva, uma boa “religiosidade” deveria ser racional e bem formada. Teríamos, portanto, de um lado uma religiosidade “do corpo e do sentimento” e, por outro, uma religiosidade “do cérebro e da razão”. Felizmente, parece-nos cada vez mais claro que, respeitando-se sensibilidades, não pode haver uma sem a outra. Sem reflexão, os gestos correm de facto o risco de se tornarem mecânicos; sem gestos, a reflexão corre o risco de

perder o contacto com a realidade, de se ficar pelas palavras e, pior, de não tocar as nossas vidas.

Olhando à sua história, a prática das novenas parece guardar um conjunto de intuições profundas. Em primeiro lugar, ela manifesta a convicção de que Deus é alguém acessível: Ele escuta-nos. Em segundo lugar, ela configura uma certa pedagogia e até uma certa delicadeza espirituais. As festas preparam-se “por dentro e por fora”. A preparação interior de uma festa passa por um trabalho interior de descoberta, de procura, mas também de desejo de acolher (Deus e os outros). Em terceiro lugar, ela conserva a ideia de que a fé nos põe em comunhão com as outras pessoas, vivas e mortas. A sensibilidade às alegrias e dores dos outros, assim como a esperança de que os outros estão disponíveis para nos apoiar, pertence a esse ambiente de comunhão e de compaixão que povoa a “morada dos santos”. Finalmente, o valor de uma novena, “a graça por excelência”, é o da relação íntima com Deus que nos encoraja em cada dia para abraçar a vida e os outros (os de aquém e os de além). É aí que se experimenta o amor - de/a Deus e do/ao próximo - que cura, salva, guarda, anima e dá luz.

A NOSSA PROPOSTA DE NOVENA DE NATAL

Como é sabido, o dia 25 de dezembro não corresponde à data em que Jesus nasceu de facto. Na falta de informação sobre a data real do seu nascimento, a tradição da Igreja definiu este dia de maneira simbólica, em diálogo com as festas judaica (Festa das Luzes) e romana (Saturnália), ambas celebradas em torno do solstício de inverno. Nesse período, a comunidade judaica celebrava a memória do reacender da Chanucá (candelabro de nove braços) no Templo depois da revolta dos Macabeus contra os ocupantes gregos. Essa tradição mantém-se hoje sob a forma da festa de Hanuka. Já os romanos festejavam Saturno, numa celebração curiosa de oito dias durante a qual, entre outras coisas, se invertiam temporariamente os papéis sociais, de tal modo que os escravos se podiam comportar como homens livres, enquanto os ricos se dedicavam, por “dever religioso”, a assistir os mais pobres. No século III, os cristãos passaram a celebrar o nascimento (ou *natal*) de Jesus, Deus rico que nasce pobre; Luz que ilumina o mundo e que o liberta de todas as opressões.

Percebe-se, neste processo de apropriação e transformação dos símbolos feito ao longo do tempo pelas comunidades cristãs, uma tentativa de responder a uma questão ao mesmo tempo “social” e “espiritual”: como viver respeitando o ritmo da sociedade, com os seus calendários, hábitos e agendas, tendo porém uma atitude crente e espiritual? Olhando aos tempos atuais, a questão parece mais pertinente que nunca (tendo, no entanto, ganho um caráter no mínimo irónico): como viver as festas sociais do Natal com a profundidade espiritual, teológica e existencial da fé?

Acontece-nos com frequência que o Natal (como outras celebrações, aliás) “chegue depressa demais”, sem que tenhamos tido tempo para nos prepararmos. Mas como fazê-lo?

Santo Inácio de Loiola propunha a quem ia fazer os Exercícios Espirituais (habitualmente, um mês de retiro para aprofundar a relação com Deus e procurar os meios para viver de uma maneira cristã, na Igreja) que utilizasse a imaginação durante a oração.

Ao ler os textos dos evangelhos através da imaginação, podemos ver, ouvir, tocar e sentir os seus cenários e personagens. O que terão sentido

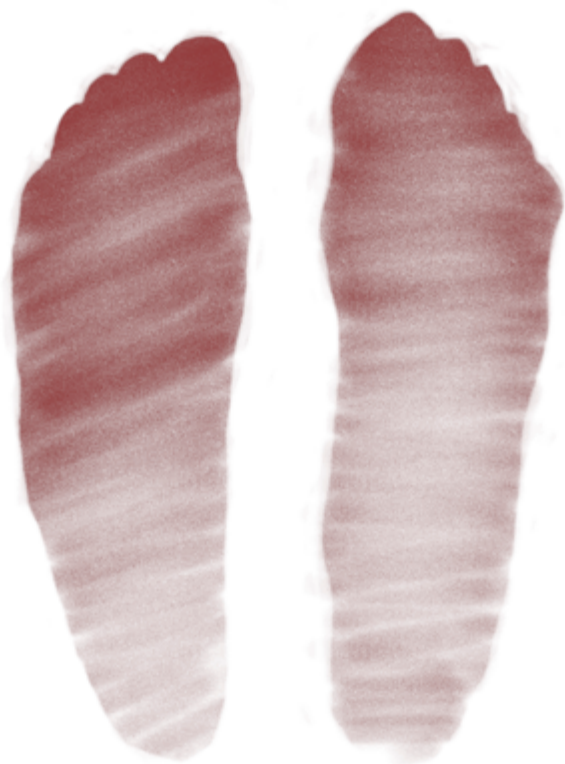
Introdução

os pastores? Como eram os magos? Será que José agarrou no Menino ao colo depois de nascer? Pela imaginação, nós “entramos” nas narrações. Mas não só: pela imaginação, deixamos que os textos “entrem em nós” e nos toquem. Essas coisas que nos “tocam” (i. e., que nos fazem pensar, que nos encantam, que nos intrigam, que nos comovem) servem então de motivo de reflexão e de conversa com Deus. Porque fui sensível ao sorriso de Maria? Porque fiquei sobressaltado/a ao ouvir o choro de Jesus? Aqui “há motivo de conversa” e aprofundamento.

Quanto mais vamos “entrando” nos textos, mais eles se nos tornam familiares e, lentamente, quase sem nos apercebermos, vamos descobrindo amizades com as personagens. Até que um dia, quem sabe, nos tornaremos verdadeiros amigos de Jesus. Para nos ajudar, encontraremos em cada dia da novena um cenário/uma personagem específicos, partindo de textos bíblicos e algumas propostas para a oração pessoal. Lentamente, iremos assim compor o nosso “presépio interior”.

Nascer? Para quê?

1º dia



INTRODUÇÃO

Escritos com mais de 2000 anos de diferença, o livro do Êxodo e o livro dos *Exercícios Espirituais* refletem a mesma intuição: a injustiça não deixa Deus indiferente. Deus não abandona a sua criação.

COMEÇAR POR ESTA PEQUENA ORAÇÃO

(Procura um lugar que te ajude a entrar em oração. Depois, repete esta pequena oração, procurando acima de tudo despertar a vontade de estar com Deus.)

Senhor,
peço-Te que me dês a graça
de olhar o mundo
com os teus olhos
na esperança de que,
sentindo como Tu sentes,
aja como Tu ages.

TEXTOS PARA IMAGINAR

(Lê os textos uma primeira vez e sublinha as palavras/expressões que, hoje, “mexem” contigo.)

Moisés estava a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madian. Conduziu o rebanho para além do deserto, e chegou à montanha de Deus, ao Horeb. O anjo do SENHOR apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça. Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada. Moisés disse: «Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?». O SENHOR viu que ele se adentrava para ver; e Deus chamou-o do meio da sarça: «Moisés! Moisés!». Ele disse: «Eis-me aqui!». Ele disse: «Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa». E continuou:

«Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob». Moisés escondeu o seu rosto, porque tinha medo de olhar para Deus. O SENHOR disse: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel, terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles. E agora, vai; Eu te envio ao faraó, e faz sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel». (Do livro do Êxodo 3, 1-10)

Lembrar a história do que quero contemplar: como as Três Pessoas divinas olhavam toda a superfície do mundo, cheia de gente. Vendo como todos desciam ao inferno, determinam, em sua eternidade, que a Segunda Pessoa Se faça homem, para salvar o género humano. Assim, chegada a plenitude dos tempos, o anjo Gabriel foi enviado a Nossa Senhora. (Dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loiola, nº 102)

PISTAS PARA AJUDAR A ENTRAR NOS TEXTOS

(Caso tenhas encontrado uma palavra/expressão que te tenha provocado, aproveitá-la: tens aí “assunto” para aprofundar e para conversar com Deus. Caso precises de ideias, deixamos-te algumas pistas.)

1. TIRA AS SANDÁLIAS DOS PÉS

Há certos encontros que só são possíveis se abandonarmos as nossas defesas. Para se aproximar de Deus, Moisés teve de assumir a sua vulnerabilidade para se apresentar diante de Deus *tal como ele era*. Por vezes dói, andar descalço; mas só assim podemos sentir o mundo como ele é. Descalços tornamo-nos capazes de acolher a realidade: a realidade da nossa vida e da vida dos que nos rodeiam.

Quais são as tuas «sandálias»? O que é que te tem impedido de viver a vida de maneira autêntica? O que te impede, hoje, de entrar na intimidade com Deus e com os que te são próximos? Identifica essas sandálias, e pede ao Senhor que te ajude a descalçá-las.

2. CONHEÇO, NA VERDADE, OS SEUS SOFRIMENTOS

O mal existe: todos o experimentamos (umas vezes como vítimas; outras, como autores; outras ainda como espectadores). A forma como cada um reage ao mal revela, de algum modo, o seu carácter.

Imagina este encontro entre Moisés e o Senhor. Ouve a voz de Deus e como fala do sofrimento do povo. O que é que isso te diz sobre o coração de Deus?

3. QUE A SEGUNDA PESSOA SE FAÇA HOMEM

Santo Inácio convida-nos a entrar na intimidade de Deus (o lugar sagrado por definição) e a imaginar como a Santíssima Trindade fala da humanidade.

Imagina esse diálogo entre Pai, Filho e Espírito Santo (se te ajudar, usa o ícone da Santíssima Trindade, de André Rublev). Como falam do mundo? O que sentem? Quais são as suas preocupações? E tu: como olhas e falas do mundo à tua volta? E como participas na sua história de salvação?

PARA TERMINAR REZAR COM A TRADIÇÃO DA IGREJA

(Toma nota, num caderno, das frases/ideias/intenções que te chegaram durante o tempo de oração. Elas podem ajudar-te a identificar sinais da presença de Deus na tua vida. Depois repete esta antiga oração - uma das chamadas antífonas do ó - composta entre os séculos VII e VIII.)

Ó Adonai

guia da casa de Israel,
que apareceste a Moisés
na chama do fogo
no meio da sarça ardente
e lhe deste a lei no Sinai
Vinde resgatar-nos pelo poder
do vosso braço.

Pai-Nosso. Ave-Maria. Glória.

ÍNDICE

Introdução 3

1° dia

Nascer? Para quê? 10

2° dia

Os Anjos, ou das maneiras de Deus

Se mostrar presente 20

3° dia

Maria 30

4° dia

José 40

Novena de Natal

5° dia

A Estrebaria: do cru e da beleza 50

6° dia

Os Pastores 60

7° dia

Das Estrelas e dos Animais 70

8° dia

Nascimento de Jesus 80

9° dia

Os Magos 90

Índice 101